

A Maldição da Lua

A Maldição da Lua

Alexander Zimmer

2^a. Edição

2019

Copyright © Alexander Zimmer, 2011

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998

Coordenação Editorial – Zeca Fonseca

Diagramação – Juliana Azevedo

Revisão – Alzira Duncan

Capa – Alexander Zimmer

Texto revisado segundo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Z66m

Zimmer, Alexander

A maldição da lua / Alexander Zimmer – 2ed. – Rio de Janeiro, RJ

ISBN 978-85-63609-26-7

1. Romance brasileiro. I. Título

Todos os direitos reservados à

Alexander Zimmer

www.alexanderzimmer.com

É vetada a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito do autor.

*À silenciosa e encantada presença
que traduz eterna promessa:
Luciana Fiori*

INTRODUÇÃO

A vida seguia tranquila naquele mar de sertão, onde não se podia ter ideia do mundo além. Conheciam-se a capital, falava-se muito nela, mas no fundo não passava de um mundo distante, outra realidade, longe das coisas difíceis que a vida no sertão imprimia à gente daquele lugar. A vida era aquela só e mais não tinha. Para que falar de uma terra outra que mais parecia um sonho, algo inexistente e tão longe das possibilidades. Além do mais, tinha essa terrinha, onde morava e mais nada. Para onde iria? Como? E aquela lua avermelhada servia para ajudar a diminuir um pouco a dor de nada ter, nem ninguém que o quisesse. É... A lua ajudava, mas, afinal, quem era Cirino neste vasto mundo sem fim e diante do esquecimento dos grandes? Um simples, um ninguém. Não! Ninguém, não! Cirino era alguém, mesmo sendo considerado um qualquer no meio do sertão. Podia ser humilde e de poucas posses — quase nenhuma — mas era uma pessoa, alguém que, se não tivesse sua importância, não estaria aqui nesta terra de Deus. Não era um parvo, um estúpido, pois tinha estudo. Pouco, mas tinha. Sua mãe era professora primária e Cirino aprendeu tudo que sua mãe sabia o que fazia muita diferença naquela terra distante de tudo. Cirino sabia diferenciar as coisas certas, cheias de fundamento, das crendices bobas daquele povo, muito embora tivesse também suas superstições.

Mas quem era ele, afinal? Por que estava ali naquele mundo, se parecia que não tinha serventia para nada? Não tinha ninguém. Não tinha para onde ir e nem por quê. Apesar disso, algo em seu íntimo espremia-se e parecia dizer

que esse homem era alguém. Alguém que tinha algo a viver, algo que faria diferença, algo que mudaria muita coisa. Mas o que? Talvez fosse só abestamento de um coração sozinho no meio daquele lugar nenhum de Deus, pensava ele. Mas Cirino sentia um ímpeto a que não sabia dar nome, uma força que o fazia ciente de si mesmo, mesmo que não soubesse direito para quê.

Assim era Cirino. Um homem simples, sem eira nem beira, que mesmo assim fazia diferença em meio a tanta peia do imenso sertão porque era um cabra que pensava e tinha sua própria opinião sobre as coisas; era alguém que sabia refletir, astuto, inventivo, forte e cheio de compaixão pelas pessoas que sabia valorizar, quando reconhecia um coração humano por trás de tantas máscaras, que muitas vezes as pessoas se viam obrigadas a usar. Muitas usavam com prazer e para estas, Cirino apertava os olhos, pois sabia que precisava ficar atento, para não ser enganado ou passado para trás; mas outras havia, que usavam máscaras porque precisavam se defender, se proteger. Estas, Cirino via com o coração a verdadeira face, muitas vezes acuada. Outras tantas sensíveis almas que enchiam de lágrimas os olhos de Cirino e apertavam seu coração. Ele muitas vezes nada fazia de cara, mas depois, quando ninguém via, ajudava, preservando assim a pessoa de sentir-se diminuída na frente dos outros. Cirino tinha esse ‘coraçãozão’; era de fato uma pessoa de bem, muito embora isso não importasse muito neste mundo cheio de mandos e desmandos.

Cirino olhava aquela noite de estrelas sem fim e sentia a velha e conhecida angústia, que não sabia de onde vinha. Os dias corriam quase iguais e a noite trazia aquela inadequação, aquela falta de um não sabe o quê. A fome ajudava a piorar a situação. Até que se virava bem, aqui e ali,

mas precisava arrumar algum trabalho; aquela vida não podia continuar assim. Não tinha jeito! Ou melhorava, ou melhorava! Não aguentava mais ficar se sentindo um nada, um alguém que quer fazer, mas não tem onde, nem o quê.

Foi confessando essas e outras com o padre Eustáquio, que este lhe sugeriu falar com seu compadre Zé. Compadre Zé trabalhava na fazenda de coronel Terêncio e podia lhe arrumar algum serviço. Dito e feito! E não é que existia serviço precisando mesmo de gente na fazenda do coronel? Não sabia muito bem que tipo de serviço era esse, pois o compadre desconversou e ficou até mesmo sem jeito. Cirino percebeu a dificuldade e achou que o compadre estava receoso de dizer que o trabalho era pesado, por considerar e valorizar demais Cirino. Ele achou engraçado este pensamento e seu apreço por compadre Zé ganhou mais um adendo. Estava disposto a pegar o serviço que fosse, pois não podia e nem era cabra de recusar serviço algum por ser pesado demais. Aceitou. Logo, logo, compadre Zé falara com o coronel e este mandara Cirino se apresentar no dia seguinte, pela manhã.

Era pensando nisso, que Cirino se deu conta do avançado da noite. Era preciso descansar, para apresentar-se bem-disposto às vistas do fazendeiro.

Levantou-se do toco de árvore, pegou na lamparina e entrou em casa. Apanhou a faquinha da cintura, cortou um pedaço de carne seca e deu-se a mastigar. Precisava alimentar-se. Era certo que não tinha muito que comer e já vinha medindo a pedaço de pau o resto de carne seca que lhe sobrava, pendurada no canto da cozinha da casinha velha e humilde que fora construída por seu avô e onde sempre vivera. Entornou um gole de água da cabaça num copo de

barro e foi deitar-se na rede, aspirando boa sorte para o dia seguinte.

E foi assim que Cirino adormeceu naquela noite enluarada e cheia de estrelas, em meio aos ruídos dos bichos da noite e embalado em sonhos fantásticos e inexplicáveis, que só Deus tinha por conta entender.

A Lua

Cirino acordou com o sol surgindo. Saltou da rede, deu uma coçadinha aqui e ali, calçou as sandálias velhas e saiu porta afora, como quem vai saudar o dia que chega, feito passarinho alegre que de vez em quando – quase nunca – saltitava entre os galhos secos do araçazeiro. Aliás, era por causa deste araçazeiro, que Cirino era conhecido como Cirino do Araçá. Seu nome verdadeiro era Cirino dos Santos; dos Santos só, porque só tinha o nome da mãe. Seu pai nunca soube quem era. Ouvira muita história por aí, sobre seu pai, mas sua mãe dizia que seu pai fora um homem forte, que surgiu numa noite de tempestade, de cujos olhos verdes e belos, faiscavam uma energia, que deixara sua mãe entregue. Seu nome era Guilherme. Na época, mesmo seu avô, homem pobre, mas honrado e austero sem perder o carinho que tinha por sua filha, se impressionara com a presença dele, quase que como por encanto, como se um feitiço tivesse deixado o velho embevecido com a imponência daquele homem, que ao mesmo tempo possuía certa doçura no trato; era um ser quase sobrenatural, segundo sua mãe dizia. Foi assim, que seu velho avô lhe deu a mão de sua filha, quando ele a pediu na manhã seguinte. O que numa situação ordinária teria sido uma surpresa, naquele momento sem espaço neste mundo, onde tudo parecia revestido por uma aura de magia e misteriosa fascinação, acabou passando até mesmo por uma satisfação e um sentimento de valor para o avô. A menina então ficara feliz como nunca, mas, após a noite de núpcias, ele saiu para resolver alguma coisa com

alguém importante e desapareceu no mundo. E era apenas isso que ela contava.

Cirino sempre achou, a cada vez que sua mãe contava esta história, que algo faltava, pois ela ficava muito pensativa e parecia triste. Tanto que, logo em seguida, saía para um canto, sozinha, sem falar com ninguém por um bom tempo.

Afinal, quem era aquele homem? Cirino cresceu com essa vontade de saber mais sobre seu pai, mas nunca o conseguiu. Algo acontecera de diferente. Cirino até sentia um arrepio quando pensava nisso. Mas como pensar diferente, se sua mãe sempre falara de seu pai com muito respeito e até veneração, mesmo sem conhecê-lo direito? Era certo que Cirino não conseguia entender bem como alguém podia inspirar tanto respeito e até certa veneração em tão pouco tempo.

Cirino cresceu, então, com esta imagem poderosa em suas lembranças, sempre que evocava a imagem de um pai que ele nunca vira, mas, mesmo assim, parecia estar presente em sua vida de forma muito forte e inexplicável.

— Eita, dia bonito!... Dia de arrumá serviço.

Fechou a porta de casa, pensando nas prosas do compadre Zé, que disse a ele do acerto com o coronel no dia anterior e aproveitou para advertir que o tal serviço, já fazia tempo que ninguém preenchia, pois o povo falava que nas terras do coronel Terêncio, tinha uma encarnação do capeta, que circulava pelas sombras, nas noites de lua inteira. Cirino finalmente entendeu o comportamento do compadre ao falar do serviço no dia anterior. Agora sabia que compadre Zé, entendendo que Cirino não era muito dado a estas coisas e, até por causa de certa vergonha em tocar no assunto, dissimulara a informação que acabou decidindo por passar a Cirino no dia seguinte. Cirino não gostava de debochar das

histórias do povo, nem de duvidar das coisas do além, mas achava graça de como o compadre falava, arregalando os olhos e fazendo pose de cerimônia, igual ao Padre Eustáquio quando reza missa na igrejinha. Cirino chegou a rir do aviso do compadre, mas se conteve para não dar a impressão de desrespeito com alguém que o prezava demais da conta. No mais, se o tal do Lobisomem existia mesmo ou não, não importava muito agora, pois ele precisava do serviço e não arredaria o pé.

E assim, ele foi pelos caminhos secos, matutando as conversas com o compadre Zé, olhando aqui e acolá uma plantinha diferente, mexendo com os calangos de fugiam pelo caminho e buscando nuvens no céu, que bem que podiam aparecer e afogar aquela seca de tantos meses. Logo começou a ver ao longe, a casa grande da fazenda do coronel.

A casa grande de fazenda ainda impunha respeito, mesmo com a passagem dos anos, que deixava a casa com aspecto de velha, perdida na antiguidade dos antepassados, gente que chegara aqui na época das colônias. Gente alta, de cabelos loiros e que vinha da Europa. Mas Cirino não fazia a menor ideia de onde era essa tal de Europa; sabia apenas que era lá para depois do mar, uma terra de gente rica e poderosa, assim como o coronel Terêncio e sua família. Mesmo o mar era um grande mistério para ele, que nunca chegara nem perto de conhecê-lo. Que dirá conhecer a gente que vinha lá do outro lado!

Quando já ia se aproximando, veio ao seu encontro um dos empregados da casa, saber qual a sua intenção; um jagunço mal-encarado de nome Juvenal e muito conhecido na região, pois era braço direito do Coronel e, como tantos outros que trabalhavam para ele, seguia à risca as

determinações do patrão e, com isso, sempre tinha certas regalias na fazenda.

— ‘Dia!

— ‘Dia. Seu coroné tá?

— Tá sim. O que o sinhô qué com o coroné?

— Tô aqui por causa do serviço. Meu compadre Zé me disse que o coroné tinha um serviço aí, que ninguém tava querendo não. Pois eu quero sim sinhô, se ele quisé meus préstimos.

— O sinhô espera aqui, que vô chamá o coroné.

Cirino ali ficou, enquanto o empregado entrou rápido na casa, sem deixar de antes dar uma olhadinha de rabo de olho, como quem faz pouco do outro. A cara dura do jagunço fazia intimidar as pessoas que se achegavam, cara de gente que está acostumada a fazer os serviços “difíceis”, que o coronel tinha no mando. Falava-se muito disso na cidade, entre um copo ou outro de pinga, mas apenas quase cochichando. Falava-se que era respeito, mas Cirino achava que era medo mesmo, afinal o coronel era personagem de muitas estórias que o povo contava. Dizia uma delas, que quando era moço, o coronel encontrara com o próprio tihoso num dos caminhos da fazenda e que, ao enfrentar o ‘cramulhão’ sem medo, quase perdendo a vida, por causa de um rosário de sua avó e de sua coragem, acabou deixando o bicho em maus lençóis. O capeta tinha saído enfurecido pelo meio dos espinheiros, berrando mil desgraças para a família do coronel, até que caiu numa armadilha no meio do espinhal. Diziam que o coronel tinha se antecipado ao ‘coisa ruim’ e espalhado várias armadilhas para pegar o sujeitinho tihoso. Mas o bicho, não se dando por vencido, de dentro da

garrafa em que ficara preso, virou-se para o coronel e rogou uma praga, que até hoje ninguém sabe direito qual foi, pois o coronel nunca revelou a ninguém, nem mesmo a Juvenal, que foi quem espalhou esta história entre uma cachaça e outra. Essa era a história preferida daquele povo sem dono, de cujas bocas saía uma nova situação, um novo caso para enfeitar ainda mais a aventura do coronel.

O 'cramulhão' na garrafa era uma lenda, que impressionava a todos, pois o coronel era o único que conseguira prender um capetinha dentro de uma garrafa. Era por essas e outras que uns tinham respeito e outros tinham até medo do coronel Terêncio. O homem era uma espécie de herói amaldiçoado pelo capeta. Cirino ria disso a cada vez que escutava a história novamente. Ria não só da situação aventureira, mas principalmente dos adendos que o povo ia colocando, tornando o coronel um mito cada vez maior, por mais inverossímeis e, até mesmo, absurdas que fossem as invencionices decorativas que o povo colocava na tal história.

Enquanto esperava, ele ficou olhando aquela casa grande e velha, tentando imaginar como seria a gente que a construiu. Ficava pensando se alguém viria de tão longe para viver naquele lugar esquecido de Deus. Mas esse povo da Europa era um povo diferente, diziam. Vai ver, gostavam de se aventurar e desafiar as coisas a que nem mesmo Deus dava muita atenção. Deus estava em todo lugar, dizia padre Eustáquio. Cirino não duvidava, mas sempre achou que para aquelas bandas ele olhava bem pouco.

Logo veio o coronel, um velho que parecia ter seus mais de setenta anos, alto e com uma cintura larga de quem anda satisfeito de tanto comer; com um olhar vivo e intimidador

que passa a segurança que só o poder nato dá a uma pessoa e que deixa encafifado qualquer um encarado por ele.

Assim como as histórias sobre os mandos e desmandos do coronel, também havia histórias sobre sua família e a dureza de seu pai ao criar o filho. Diz-se que seu pai o criara com mão de ferro, dando a educação forte e severa para que o filho crescesse com autoridade e capacidade de tirar dos empregados o máximo que estes podiam dar de si, sempre o respeitando acima de tudo. Seu pai aprendera muito com seu avô, que Terêncio não conhecera. Quer dizer, conhecera, mas era muito pequeno para lembrar. Seu avô fora grande dono de escravos e morrera antes que Terêncio desse por si como pessoa humana.

Na época do engenho velho, sob o mando de seu pai, a vida era muito difícil para os então empregados, que na verdade, ainda eram escravos, porque recebiam uma diferenciação mínima pelos trabalhos, o que os forçava a continuarem por ali mesmo, já que era impossível deixar aquelas bandas. Mas com o tempo, e depois da morte do pai de Terêncio, as plantações foram ficando raras, a cana perdeu o valor de antes e foi assim, até que o engenho parou de vez e o coronel resolveu criar gado.

— ‘Dia!

— ‘Dia, seu coroné

— O senhor, então, está interessado no emprego aqui na minha fazenda. Qual é a sua graça mesmo?

— Cirino, seu coroné.

— Pois bem... O Seu Cirino já sabe das lendas que esse povo anda contando por aí? De que um lobisomem anda rondando as minhas terras já faz tempo?

— Sei, sim sinhô!

— E não se treme de dar com as fuças do capeta?

— Sabe, seu coroné, eu num gosto de me metê com essas coisas não, mas tô precisando do serviço e num tem ‘cramulhão’ que me faça deixá minha obrigação! Além do mais, se o sinhô botô o chifrudo pra corrê, por que eu haveria de ficá com medo?

O coronel gostou de ouvir aquilo e deu um meio sorriso de satisfação. Nada o satisfazia mais, do que uma alisada em sua vaidade, mas, apercebendo-se de seu deslize na frente de um qualquer, logo endureceu a cara novamente.

— Você, Cirino, parece ser um homem de muita coragem! Só quero ver, se por um acaso, bater de frente com o cão, não vai fugir por esse mundo afora. Muito bem, o emprego é seu, Cirino. E o serviço é que tem umas cercas pra consertar lá pelos lados da barragem seca, que devem levar uns bons dias para serem consertadas. E faz tempo que não consigo ninguém para o serviço, por causa dessas histórias de lobisomem. O senhor vai com o Juvenal, que ele vai lhe mostrar onde estão os materiais pro conserto. Bom dia.

Cirino saiu contente com o serviço arrumado, muito embora sentisse uma estranheza ao ouvir o coronel falar sobre o tal lobisomem. Não passava por sua cabeça todas as aventuras em que haveria de se meter a partir deste dia. Só queria fazer seu serviço, um trabalho que ninguém tinha conseguido fazer até então, por causa do tal lobisomem. Mas para ele isso não era problema, não. Era só tomar cuidado e fazer seu serviço antes da noite chegar. Isso quando fosse noite de lua cheia, se é que o talzinho existia mesmo.

Fazer o que ninguém havia feito ainda, seria muito bom para Cirino, ele sabia. Aquele povo era muito medroso e o tal do maldito tinha afastado todos os empregados que se encarregavam destes trabalhos, para dentro da fazenda, pois todos tinham medo de bater com as fuças do tihoso. Mas Cirino tinha no sangue a aventura e, no fundo, aquele assanhamento lhe agradava e muito, mesmo não querendo se meter com estas coisas. Se acontecesse, teria que dar o seu jeito, fosse qual fosse. Não tinha medo. Se o bicho viesse, encararia e tentaria se safar da melhor forma possível.

Juvenal lhe mostrou as ferramentas e os pedaços de pau, que Cirino colocou no carrinho de mão enferrujado, cuja roda mal lubrificada fazia um barulhão e prendia tanto que talvez fosse melhor levar tudo na moleira mesmo.

O coronel tinha um galpão ainda mais maltratado pelo tempo do que a casa, embora parecesse mais recente, onde ficavam vários materiais e ferramentas para os trabalhos da fazenda. Logo acima da entrada, tinha uma imagem de santa, que talvez fosse para proteger o local, onde antes deveria ter sido um lugar de guardar os animais da fazenda. Era muito comum este tipo de coisa naquele lugar, já que muitas das vezes só se podia contar mesmo era com a ajuda de Deus e com uma espingarda.

Cirino pegou o que precisava, diante das indicações de Juvenal, colocou tudo no carrinho e foi imerso nestes pequenos questionamentos e outros tantos, que não saíam de sua cabeça, que Cirino seguiu caminhando com o carrinho de mão enferrujado e de roda presa, atravessando a fazenda do coronel Terêncio.

O dia estava quente como sempre e mesmo com o peso do carrinho e aquele lascar de sol na moleira, ele estava satisfeito por ter arrumado o tal do serviço, afinal fazia

tempo que andava atrás de algum e assim poder comprar comida na venda do nhô Caleb. Ele não gostava de fazer dívidas e só comprava quando tinha algum para pagar. Isso era visto por alguns como uma teimosia que o fazia passar necessidades sem precisão; e para outros como uma honestidade que o tornava alguém em quem todos confiavam. Talvez ele até pudesse pegar mais mantimentos do que qualquer outro na cidade e deixar numa conta, que ninguém duvidaria que Cirino pagaria, mas ele era cabeça dura com isso e, como dizia seu avô, “o que é certo é certo! Homem de bem, temente a Deus, não faz as coisas se não tiver certeza de que pode arcar com as consequências”. E Cirino aprendeu com aquele homem como ser forte, decidido e honesto.

Cirino era homem de bem, nunca havia se envolvido em brigas e confusões, a não ser da vez que um jagunço se metera para os lados de sua afilhada Mariana, filha de seu compadre Zé. Desta vez, Cirino, que todos conheciam como homem bom e pacífico, que não se metia em confusões, transformara-se num bicho de amedrontar até o capeta, atracando-se com o jagunço, que assustado pedia pelo amor de Deus, para que tirassem aquele homem de cima dele, como se o povo já não estivesse tentando tirar Cirino de cima do pobre infeliz.

Depois deste episódio, Cirino passou a ser muito considerado pelo povo da região, embora alguns coronéis e religiosos o tivessem por conta de um pobre-diabo qualquer. O povo sabia que Cirino era inteligente, mas nunca pensara que ele tinha aquela valentia toda. Alguns tentaram fazer dele o novo valentão da cidade, mas Cirino sempre fazia uma graça inteligente, que alguns ficavam desconcertados e

outros simplesmente não entendiam por serem ignorantes. Então taxavam Cirino de doido de língua enrolada.

Mariana era moça nova, nos seus 15 anos. Menina prendada, ajudava a mãe com as poucas encomendas de costura que garantiam uma vida simples, junto ao pequeno ordenado que o pai recebia como empregado do coronel que agora também era patrão de Cirino.

Cirino, ainda jovem, nos seus 26 anos, tinha orgulho de ser seu padrinho. Pensava que Marianinha merecia se casar com um bom homem, e não era nenhum jagunço que poderia se meter a besta com a menina. E foi assim desde então. Toda vez que algum sujeito cheio de intenções se aproximava de Marianinha, era logo avisado da enervação de seu padrinho, que apesar de não parecer, era homem valente que só vendo. E de tanto ser avisado com histórias e conselhos, o sujeito acabava desistindo da empreitada.

Depois, quando Marianinha foi morar com a madrinha na capital, tudo pareceu ficar legado ao passado distante. Essa madrinha tinha partido para a capital já há alguns anos e conseguira fazer dinheiro por lá, mandando buscar a afilhada para que esta fosse estudar num bom colégio, daqueles que só existem nas grandes cidades. Zé, embora com o coração apertado e Joana, sua esposa, um tanto chorosa, sabiam que era uma oportunidade de a filha se formar e ter um futuro melhor, longe daquele miserê. Mesmo morrendo de saudades, sabiam que era importante para a filha ter uma formação numa boa escola da capital. Quem sabe ela não se tornava uma médica, ou uma advogada, ou qualquer outra profissão de importância?

Cirino andou por quase uma hora, até que começou a ver um pedaço grande de cerca que parecia ter caído depois de muito ser castigada pelo tempo, e então um bezerro

qualquer deve ter feito uma forcinha maior e logo a bichinha caiu; aquele era o lugar onde a cerca precisava de conserto.

O sol lascava o couro e, com um chapéu de palha meio furado aqui e acolá, Cirino começou o serviço, acabando de arrebentar o arame antigo, para poder colocar o novo. Ficava cantarolando uma modinha, que era pra ver se o tempo passava rápido. De vez em quando, soltava uns “Oxé!”, uns “Eita!”, quando, num momento de distração, espetava o dedo no arame. Mas, além disso, nada acontecia e seus pensamentos voavam à medida que ia fazendo o serviço.

Cirino passou o dia todo consertando a cerca. Na hora em que bateu a fome almoçara um pouco da farinha de mandioca com carne seca que tinha recebido na fazenda, junto com as ferramentas para que não precisasse voltar e atrasar o serviço, muito embora tivesse ficado claro que precisaria voltar nos dias seguintes. Mas a comida era pouca e ele já estava com fome novamente, como se não estivesse sempre com a mal-dita que nunca o deixava.

Já era quase noitinha, quando ele terminou o trabalho do dia. Nem pensava mais na história do ‘coisa ruim’, quando viu que a lua começava a despontar no horizonte. Mas ainda era lua crescente e isso o despreocupou. Não que ele ligasse para as histórias, mas era melhor mesmo não bulir com elas. Sua vida, apesar dos percalços, sempre foi muito bem sem que ele se metesse com essas coisas, então melhor seria que continuasse assim.

Cirino chegou à fazenda, deu conta ao coronel dos progressos na arrumação da cerca e, depois de ter acertado voltar nos dias seguintes, o coronel mandou que ele fosse comer alguma coisa na cozinha atrás da casa. Cirino agradeceu visivelmente feliz pelo mando que ele seguiria de bom grado; e foi até a cozinha, onde conheceu Donana, com

quem muito simpatizou e teve uma prosa de muito tempo, enquanto comia sua primeira refeição de verdade em muitos meses. Há muito não comia tão bem.

No dia seguinte, Cirino acordou cedo e foi para a fazenda do coronel para dar seguimento ao serviço e isso se repetiu por cinco dias. Cirino não se lembrava de ter sido tão feliz. Afinal, a melhor hora do dia era à noitinha, quando terminava o serviço, chegava à casa grande e, depois de dar contas ao coronel do progresso no serviço, ia para a cozinha jantar antes de voltar para casa. Ele já podia sentir-se engordar. Podia jurar que algumas carnes já começavam a aparecer nos seus braços. Isso, sem falar na disposição renovada de quem está bem de saúde e bem alimentado; coisa rara na vida dura de Cirino, sobretudo depois que Deus levou sua mãe, que sempre fazia das tripas coração, mas cuidava de Cirino como se ele ainda fosse uma criança. Ele resmungava, mas tinha um carinho enorme por ela e, no fundo, até gostava daquele mimo.

No sexto dia ele quase terminou o serviço, e acostumado com a volta para a fazenda no meio da noite, deixara de se dar conta de que lua crescente também passa. Quando de repente percebeu o clarão avermelhado que subia por trás dos espinhais.

— Lua inteira. — Ecoou em sua cabeça a sentença maldita, que até então estava esquecida pela distração do trabalho dos últimos dias. Então, de sobressalto, Cirino lembrou o significado daquela lua, naquele lugar e naquela circunstância. Não era homem de se acovardar por causa de uma história, das crendices do povo, das invencionices, mas por via das dúvidas, era melhor não arriscar. Com as coisas do além não se deve lançar desafio — Pensava. Pôs-se então a caminho da fazenda a passos largos, quase correndo. A lua